



RODA VIVA DE LEITURA: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DIDÁTICA

Maria José Paulino de Assis; Fernando Alves de Oliveira; Luciane Alves dos Santos

Universidade Federal da Paraíba
mj paulino.educ@gmail.com
fernandotutorufpb@gmail.com
luciane45@gmail.com

Resumo: Este trabalho apresenta uma proposta de intervenção didática na educação básica que envolve o leitor e o texto numa Roda Viva de leitura, levando os estudantes a participarem de círculos de contação de histórias, leitura e produção de contos e visita a bibliotecas e livrarias. Nesse contexto, um cuidado a mais deve direcionar-se às leituras literárias na escola, pois, muitas vezes, os textos selecionados são meramente informativos, conduzindo apenas à decodificação da mensagem. Entretanto, o texto literário, quando bem trabalhado pelo professor, transmite uma carga afetiva muito significativa, tanto para o professor quanto para o aluno, que passam a ser envolvidos pela teia da beleza criadora de novos contextos, na perspectiva de humanizar, sensibilizar e formar cidadãos. O conto será o elemento de condução das atividades devido à visível necessidade da contação de histórias dentro e fora da escola. Estratégias de leitura e habilidades desenvolvidas através dos contos visam despertar práticas de oralidade a serem utilizadas como recursos de comunicação nos mais variados contextos. As estratégias de leitura contribuem para que o estudante/leitor utilize técnicas, métodos, buscando caminhos para ler da melhor forma possível, adquirindo compreensão do texto com mais fluidez, passando, finalmente, a conhecer desde personagens do mundo das maravilhas ao jovem estudante que se aventura pelas teias da narrativa pós-moderna. Como aporte teórico, consideramos, principalmente, as contribuições de Antônio Cândido, Nádía B. Gotlib, Gislayne A. Matos, Marisa Lajolo.

Palavras-chave: leitura, literatura, contos, práticas de oralidade.

“lê-se para entender o mundo, para viver melhor.
Em nossa cultura, quanto mais abrange a concepção
de mundo e de vida, mais intensamente se lê,
numa espiral quase sem fim,
que pode e deve começar na escola,
mas não se pode (nem costuma)
encerrar-se nela” (LAJOLO, 2002).

INTRODUÇÃO

A linguagem integra a natureza dos indivíduos e dela decorre o ato da leitura, que tem extrema importância para a nossa formação como pessoas, pois nos molda, nos ajuda a compreender a realidade, despertando nosso senso crítico e contribuindo para que nos desenvolvamos como seres pensantes. Muitas de nossas melhores experiências são viabilizadas pela leitura e o contato com textos de vários tipos e gêneros aumenta nosso conhecimento, nos entretém, aguça nosso senso crítico, emociona, levando-nos a outro patamar do ponto de vista intelectual e estético.



Nessa sociedade pós-moderna, com o acesso cada vez mais popularizado às redes sociais e à internet, de forma geral, é possível assegurar que nossos estudantes nunca antes leram e escreveram como agora. No entanto, é imprescindível que um olhar crítico seja aguçado em torno dessa leitura e escrita, especialmente na escola, principal agência de letramento da sociedade, que tem a função irrevogável de promover a formação cidadã, assegurando o direito de expressar-se com clareza e concisão.

Nesse contexto de inserção da leitura e escrita como prioridade, um cuidado a mais deve direcionar-se às leituras literárias no cotidiano escolar, pois, muitas vezes, os textos são meramente informativos, com função tão somente referencial e conduzem os leitores à mera decodificação da mensagem. Enquanto o texto literário tem a capacidade de despertar o leitor para a diversidade de posicionamentos interpretativos, inclusive, convidando-os para o deleite do ato de ler.

O texto literário, quando bem trabalhado pelo professor, transmite uma carga afetiva muito significativa, tanto para o professor quanto para o aluno, que passam a ser envolvidos pela teia da beleza criadora de novos contextos que vão do figurado ao verossímil, na perspectiva de unir sonho e realidade para humanizar e sensibilizar na formação cidadã. Tanto é que Santos (2013, p. 154) constatou que “a literatura, vista da maneira mais ampla possível, abarca inúmeras criações de toque poético, ficcional ou dramático, desde as mais simples às mais complexas”, o professor necessita assumir a função de formador de cidadania na através da leitura literária.

Uma vez definido o trabalho com o texto literário na escola, outra necessidade é delimitar o gênero textual a ser priorizado, tendo em vista que esta ação é condicionada a um tempo previsível do planejamento didático. Logo, o Conto será o elemento de condução de nossas atividades.

Irrefutável é a importância da formação cidadã através da leitura e da escrita, do envolvimento com Literatura, com a arte de ouvir e contar histórias, do deleite em ler contos dos mais variados estilos e épocas. Marisa Lajolo acentuou bem a importância da leitura ao afirmar que “lê-se para entender o mundo, para viver melhor” (LAJOLO, 2002, p.7). Contar ou ouvir histórias que entram pela perna do pinto e saem pela perna do pato é uma das atividades norteadoras dessa intervenção, de tal forma que essa proposta suscitou a ideia da campanha “Seja um Promotor Cultural, Adote um Leitor!”, que consiste na entrega de um livro a cada um dos estudantes que compõem o que denominamos de “Roda Viva de Leitura” ao final das atividades. Assim, a roda de leitura tornar-se-á verdadeiramente viva! Essa campanha será feita junto à comunidade, educadores, poetas, pesquisadores, enfim, pessoas



que se assumem como promotores culturais.

A proposta interventiva propõe-se a desenvolver estratégias de leitura e habilidades leitoras, despertando o gosto pela leitura, a partir do conhecimento e da socialização de contos literários, maravilhosos, de fadas, fantásticos, populares, indígenas, focando, a princípio, na contação de histórias e na análise estrutural e produção do gênero textual conto.

Em vista disso, nessa Roda Viva de Leitura, pretendemos empreender uma fascinante viagem pelo mundo dos Contos, em que o deslumbramento pela leitura promete envolver os estudantes que deverão participar de rodas de contação de histórias, leitura de contos, produção de contos, visita a bibliotecas e livrarias, entre outras atividades detalhadas nas etapas seguintes dessa propositura.

1 UMA JANELA ABERTA PARA O MUNDO

Muito frequentemente, é na escola que o indivíduo tem o primeiro contato com a leitura. Sendo assim, cativar o estudante/leitor é meta no processo educativo e o contador de histórias tem uma contribuição determinante para que se chegue a esse fim, pois, segundo Matos (2014, p. 1), os contadores de histórias são “guardiões de tesouros feitos de palavras”. E Gotlib, em sua assertiva sobre o repertório desses “guardiões” e a conquista direcionada ao ouvinte, discorre que:

Há todo um repertório no *modo de contar* e nos *detalhes* do modo como se conta – entonação de voz, gestos, olhares, ou mesmo algumas palavras e sugestões –, que é possível de ser elaborado pelo contador, nesse trabalho de conquistar e manter a atenção do auditório (GOTLIB, 1990, p. 13).

A responsabilidade da conquista e da salvaguarda da atenção do público, defendida por Gotlib, logo nos direciona a um envolvimento contínuo nessa atividade proposta, pois cabe-nos a atribuição de cativar o ouvinte de histórias a tal ponto que este passe a ser um leitor crítico e encantado com o que lê.

O encantamento do leitor pelo texto, pela leitura, também é atribuição da escola, portanto, o professor é o mediador desse processo e precisa dar vida às aulas de leitura literária, constatação que nos remete a Lajolo (2002, p. 15) ao afirmar que “Ou o texto dá sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum.”, a autora completa ainda que as aulas que ministramos carecem, igualmente, de sentidos.

O texto literário, quando bem trabalhado pelo professor, transmite uma carga afetiva



muito significativa, tanto para o professor quanto para o aluno, que passam a ser envolvidos pela teia da beleza criadora de novos contextos que vão do figurado ao verossímil, na perspectiva de unir sonho e realidade para humanizar e sensibilizar na formação cidadã. É fator de humanização, como destaca Cândido (1995 p. 175): “[...] ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente...”. “À medida que se perde um dos principais instrumentos para despertar o senso crítico e estético, torna-se mais fácil a dominação e a desumanização geral”, afirma Mello (2009, p. 53).

Isso sem esquecer a capacidade que a literatura tem de nos encantar. Segundo Lajolo (1982), a leitura de um texto literário demanda capacidade de desvendar o não-dito, de enxergar além do que está no texto, de romper a linearidade do símbolo, até mesmo, “o que não é”. “O texto literário, ao mesmo tempo em que significa [...] dribla o leitor, sugerindo-lhe que o que diz é e não é” (LAJOLO, 1982, p. 38-39).

Como garantia de um direito, como efetivação de uma condição para a melhor convivência em sociedade, fica clara a necessidade de valorizar-se a literatura e, na escola, desenvolver-se um trabalho contextualizado com o texto literário, o que se configura como requisito fundamental não apenas para a formação de leitores, mas, também, para a formação humana, metas a serem alcançadas por aqueles que trabalham com a literatura no ambiente escolar.

Não se concebe uma ação pedagógica que desvincule o texto literário da realidade, que afaste os alunos, por se mostrar inacessível - “Não raramente, quando os alunos dizem que não gostaram de uma obra, o que acontece é que não a entenderam [...] OLIVEIRA, 2010, p. 175 - que se restrinja à abordagem historicista ou biográfica, ou seja, que não proporcione aos estudantes uma verdadeira experiência de encontro e usufruto do texto literário em todas as suas possibilidades.

E, a fim de obter melhores resultados, estratégias e habilidades serão desenvolvidas através da leitura de contos para despertar práticas de oralidade, a serem utilizadas como recursos de comunicação dentro e fora da escola. As estratégias de leitura contribuem para que o estudante/leitor aplique técnicas, métodos, buscando caminhos para ler da melhor forma possível, adquirindo compreensão do texto com mais fluidez. As competências leitoras são desenvolvidas por meio das estratégias, ou seja, o leitor passa a elencar situações de compreensão e interpretação do texto a partir do senso crítico acerca do conteúdo, da estrutura, da época, do discurso, do vocabulário e da reescrita, empregando elementos de textualidade, como intertextualidade, intencionalidade, coesão, coerência.



Finalmente, vamos adentrar no reino encantado do “Era Uma Vez” e conhecer desde personagens do mundo das maravilhas ao jovem estudante que se aventura pelas teias da narrativa pós-moderna. Essa fascinante viagem de conto em conto deixará marcas de tempos e estilos que conduzirão nossos estudantes a outras galáxias de leituras e enredos a serem explorados não apenas nos limites da escola, mas, e principalmente fora dela.

2 A CADA CONTO UM PONTO

A escolha do conto como gênero textual da esfera literária a ser trabalhado e divulgado nessa proposta firmou-se devido à visível necessidade da contação de histórias no ambiente escolar e em locais que proporcionem um clima agradável e propício a essa atividade, sendo o conto uma narrativa curta, dos mais distintos estilos – maravilhosos, fantásticos, indígenas, populares, de fadas, africanos – pode cativar o leitor inexperiente e despertar o gosto pela leitura, passando desse plano para as narrativas romanescas. Além de apresentar-lhes a fascinação da contação de histórias, através da exposição oral dos contos lidos entre os próprios estudantes e o professor, como também de contadores convidados para fazer parte da roda viva de leitura.

Em seu livro *Literatura infantil*, Nelly Novaes Coelho (2000, p. 71) ressalta uma caracterização do conto “Em sua forma original, o *conto* registra um momento significativo na vida da(s) personagem(ns). A visão de mundo ali presente corresponde a um fragmento de vida que permite ao leitor intuir (ou entrever) o *todo* ao qual aquele fragmento pertence.” Compreende-se, portanto, que o gênero narrativo conto propõe-se a envolver o leitor/ouvinte em seu enredo, uma vez que permite (ou convida) seu o olhar amplo que deve ir além do que se narra. A partir dessa descrição da autora, propomos textos e atividades que envolvam os estudantes em coparticipações nos mais diversos enredos dos contos.

Uma das recomendações é a leitura oral, feita pelo professor, do conto maravilhoso “Pele de asno”, de Charles Perrault, publicado no livro *Contos de Mamãe Gansa*. Após a narração, a turma deve ser envolvida na discussão sobre o enredo e os aspectos do conto, citando-o como maravilhoso, partir daí cabem as explicações acerca do conto maravilhoso, assim como as histórias literárias, pois apresentam verossimilhança mas também liberdade de criação. Segundo Santos (2015, p. 158) o termo “maravilhoso” tem origem latina, de *mirabilia*, que “tem como definição as coisas admiráveis que causam espanto ou admiração. O termo, uma vez incorporado à literatura, representa ações que transgridem as leis naturais que regem o mundo”.



A partir daí muitas leituras e contações devem dar sequência às atividades interventoras, remetendo, primordialmente, ao sucesso do estudante/leitor quanto à compreensão e interpretação de contos, como também à aquisição do deleite da leitura do texto literário e da contação de histórias. Para esse fim, os livros selecionados contarão com uma coletânea itinerante, com possibilidades de inserção de novos títulos a qualquer momento do processo interventivo, incluindo títulos de autores como Lygia Fagundes Telles, Machado de Assis, Moacyr Scliar, Daniel Munduruku, Reginaldo Prandi, Aluísio Azevedo, Edgar Allan Poe, Érico Veríssimo, Charles Perrault, Hans Christian Andersen, Clarice Lispector entre outros.

A linguagem deverá apresentar uma vastidão de oportunidades para ampliar o vocabulário e convidar o leitor a interpretações múltiplas, assim como acontecerá quando tiverem contato com o conto machadiano, o estudante/leitor vai mergulhar não somente num universo vocabular como também na trama do conto realista, logo, terá a imprescindível assistência do professor para que este seja um mergulho prazeroso e lucrativo intelectualmente. Essa prática traz à tona um diálogo com Gotlib (1995, p. 76), ao afirmar que “os contos de Machado traduzem perspicazes compreensões da natureza humana, desde as mais sádicas às mais benévolas, porém nunca ingênuas”. Então, professor e estudantes serão envolvidos num colóquio esclarecedor das ideias postas no enredo e na linguagem apresentada pelo autor do conto.

À medida que outros contos sejam lidos e/ou contados, novas oportunidades de análises e conhecimentos surgirão e serão elementos de avanço da Roda Viva de Leitura.

2.1 O CONTO ORAL E A ORALIDADE DO CONTO

Os contos, em todas as suas variações (maravilhoso, fantástico), são gêneros orais. Portanto, passíveis de serem ensinados na escola. Segundo Dolz, Schneuwly e Pietro (2004, p. 213), “o oral se ensina”. Sua versão escrita é precedida por uma longa tradição oral que, apesar de restringir a circulação da narrativa (dada a dificuldade de fazê-la circular, em relação à versão escrita), traz consigo uma carga de memória que, se bem trabalhada pelo professor, contribui para o desenvolvimento dos estudantes.

Atividades com a fala contribuem, sobremaneira, para o desenvolvimento das habilidades e competências dos estudantes, pois, dentre outros fatores, faz com que aprendam a usar a língua em situações que determinam posturas sociais e linguísticas diferentes que podem ser definidas a partir de parâmetros da formalidade ou da informalidade. Cabe à escola



sistematizar esse conhecimento, reorientá-lo.

Os PCNs ressaltam a importância do trabalho com oralidade no ambiente escolar, classificando-a como “excelente estratégia de construção do conhecimento, pois permite a troca de informações, o confronto de opiniões, a negociação dos sentidos, a avaliação dos processos pedagógicos” (PCNs, 1998 p. 24).

A competência oral de uso da Língua Portuguesa, inclusive, deve ser desenvolvida desde o período da Educação Infantil, como frisado no texto do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, que aponta como um dos objetivos gerais deste nível de ensino-aprendizagem, o de utilizar as diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita) ajustadas às diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a compreender e ser compreendido, expressar suas ideias, sentimentos, necessidades e desejos e avançar no seu processo de construção de significados, enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva (BRASIL, 1998b, p. 63).

Na alfabetização, quando as crianças precisam fazer uma distinção entre o que já conhecem e usam em termos de linguagem e a sistematização de atividades com uso da língua que a escola deve proporcionar, a oralidade é essencial. Segundo Assunção, Mendonça e Delphino (2013, p. 166), muitas vezes, atividades com oralidade neste nível de ensino “não estão em consonância com os pressupostos teóricos que embasam a construção do conhecimento na direção da alfabetização e do letramento com apoio na oralidade”.

Para elas, o trabalho é essencial, pois ainda de acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, “quanto mais as crianças puderem falar em situações diferentes, mais poderão desenvolver suas capacidades comunicativas de maneira significativa” (BRASIL, 1998b, p. 120). Segundo Reyzábal (1999, p. 70), abordar a oralidade nas séries do Ensino Infantil “tem a vantagem de poder ser tratado e sistematizado muito antes que a criança saiba ler ou escrever” (REYZÁBAL, 1999, p. 70)

Outro documento, este voltado para o Ensino Médio, no qual é apresentado “um elenco de conceitos estruturantes da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias” (PCN+ 2002, p. 24), também se ocupa da importância da oralidade no contexto escolar e reconhece que, dentre as competências e habilidades para “falantes e usuários de uma língua” (PCN+ 2002, p. 61), deve estar “a utilização da linguagem na interação com pessoas e situações, envolvendo: desenvolvimento da argumentação oral por meio de gêneros como o debate regrado” (PCN+ 2002, p. 62).

O texto lembra que “pensar o ensino de Língua Portuguesa no ensino médio significa dirigir a atenção não só para a literatura ou para a gramática, mas também para a produção de



textos e a oralidade” (PCN+ 2002, p. 70). E que “no plano da oralidade, nas situações de escuta, isso implica que o aluno tenha uma atitude responsiva ativa, sabendo dialogar internamente com o que ouve para, eventualmente, intervir na situação e produzir seu texto oral” (PCN+ 2002, p. 64).

Portanto, a proposta interventiva aqui apresentada remete ao que se propõe nos documentos citados acima e recebe reforço em Matos (N’DAK, apud MATOS, 2014, p.20) “O conto é uma brincadeira, mas uma brincadeira organizada, uma brincadeira oral que deve interessar e divertir antes instruir e informar”. A autora enfatiza sua posição ao citar Hampâté Bâ “Um conto deve ser sempre agradável de escutar, e em certos momentos desse poder alegrar os mais austeros” (HAMPÂTÉ BÂ, apud MATOS, 2014, p.20). Na Roda viva de leitura os contos devem ser lidos e trazidos para a oralidade, num contar encantador e envolvente.

3 UMA RODA VIVA DE LEITURA

A Roda Viva de leitura que traz o gênero textual conto e a contação de histórias como elementos centrais de sua proposta de intervenção visa ao desenvolvimento das estratégias de leitura e competências leitoras a fim de despertar o gosto pela leitura. Durante sua execução, diversas atividades deverão ser desenvolvidas para que os objetivos sejam alcançados. Levando em consideração o público-alvo – estudantes da educação básica – haverá leituras de textos contos (individuais e coletivas), exposição oral, contação de histórias, visita a bibliotecas e livraria, produção de contos.

A princípio, a ideia é a apresentação oral do conto “Venha ver o pôr do sol”, de Lygia Fagundes Telles. Após essa atividade, a proposta interventiva deverá ser detalhada à turma, seguindo-se do convite para que todos participem das etapas seguintes. É importante que o ambiente esteja aconchegante, com uma exposição de livros, numa tentativa de sedução à leitura. Depois da exposição da proposta de intervenção, todos estarão convidados a escolher um livro, que deve ser levado para casa, com o propósito de que leiam alguns dos contos e escolham um para a atividade da aula seguinte.

Doravante e, gradativamente, o professor deverá aplicar tarefas, como: análise da estrutura do conto, compreensão e interpretação, estilos e épocas, relato oral de um conto pelos alunos, discussão a respeito das estratégias de leituras e competências leitoras, pesquisa de contextos históricos, rodas de leitura dentro e fora da escola, visita a uma livraria e a bibliotecas.



Assim como norteiam os objetivos dessa intervenção, o processo metodológico remeterá, primordialmente, ao sucesso do estudante/leitor quanto à compreensão e interpretação de contos, como também à aquisição do deleite da leitura do texto literário e da contação de histórias. Para esse fim, os livros selecionados deverão compor uma coletânea itinerante, com possibilidades de inserção de novos títulos a qualquer momento do processo interventivo, além de que devem fazer parte do acervo de conhecimentos do professor, pois este deve, de acordo com Lajolo (2002, p. 21), “estar familiarizado com uma leitura bastante extensa de literatura”. A autora reforça a ideia do comprometimento do professor de português quanto à prática leitora, desde os clássicos aos contemporâneos.

O trabalho com a leitura amplia os conhecimentos dos educandos de maneira vasta, tendo em vista que os PCNs atribuem “à escola a função e a responsabilidade de contribuir para garantir a todos os alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania” (BRASIL, 1998, p. 19).

4 UM CÍRCULO QUE NÃO SE FECHA

A fim de propor atividades de intervenção que visam ao desenvolvimento de estratégias e habilidades leitoras, avivando a predileção pela leitura e expandindo a prática a outras leituras para além das dependências físicas da escola, assim como sugerem os PCNs (BRASIL, 1998, p. 72) o professor deve oportunizar aos educandos as escolhas de leituras, para que estes continuem leitores fora da escola. Assim, patenteamos nossa proposta interventiva a ser analisada por educadores que comunguem desse propósito.

A Roda Viva de Leitura apresenta orientações de apreciação desde os contos clássicos aos populares, de épocas e estilos distintos, através de leitura, contação de histórias que compreendam a narrativa, análise de obras e textos, como também a linguagem e a estrutura narrativa, e por fim, o convite à continuação do envolvimento com a prática leitora.

No curso da intervenção, deverão ser observados tanto o envolvimento quanto empolgação dos estudantes nas atividades realizadas, ao professor cabe a atribuição da conquista através do convencimento de seu perfil de leitor, de seu comprometimento com o texto literário, como sugere Lajolo (2000), e o depoimento, espontâneo, das influências da literatura em sua vida diária.

Logo, é essencial que a roda viva não se feche, não pare de girar, para isso, é indispensável que o estudante seja envolto nos enlaces da teia do texto literário, seja cativado pela leitura e pela oralidade do conto que, como lembra Matos (2014), é um entretenimento,



uma diversão que antecede a instrução. A interação professor/escola/estudante/leitura poderá também ser fortalecida por meio das redes sociais, que transcendem os limites dos muros escolares, físicos e psíquicos.

REFERÊNCIAS

ALBERTINO, Bragança et al. *Contos africanos*. São Paulo: Ática, 2010.

ASSIS, Machado de. *Melhores contos de Machado de Assis*. Seleção Domício Proença Filho. 15. ed. São Paulo: Global, 2002.

ASSUNÇÃO, Cláudia A. A.; MENDONÇA, Maria C.C.; DELPHINO, R. M. Pouca Ênfase no desenvolvimento da Competência Oral dos alunos. In: BORTONI-RICARDO, Stella M.; MACHADO, Veruska R. (orgs.). *Os Doze Trabalhos de Hércules*. São Paulo: Parábola, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa (3º e 4º ciclos do ensino fundamental)*. Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais + (PCN+)–Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. Brasília: MEC, 2002.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. *Referencial curricular nacional para educação infantil*. Brasília, DF: MEC, 1998.

CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. In *Vários escritos* – edição revista e ampliada. São Paulo: Duas cidades, 1995.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil; teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

DOLZ Joaquim; SCHNEUWLY Bernard; PIETRO, Jean-François de. Relato da elaboração de uma sequência: o debate público. In: SCHNEUWLY, Bernard, DOLZ, Joaquim e colaboradores. *Gêneros Oraís e Escritos na Escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2004.



GOTLIB, Nádía Battella. *Teoria do conto*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1990.

MATOS, Gislyne Avelar. *A palavra do contador de histórias: sua dimensão educativa na contemporaneidade*. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

MELLO, Franceli Aparecida da Silva. *A Escola e a Formação do Leitor Literário*. Revista Polifonia, Cuiabá, nº 18, p. 51-63. 2009.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. *Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

REYZÁBAL, Maria V. *A comunicação oral e sua didática*. Tradução Waldo Mermelstein. São Paulo. Bauru. EDUSC, 1999.

SANTOS, Luciane Alves. A esfera do maravilhoso e a literatura infantil. In. *Linguagens, educação e tecnologias: implicações para o ensino*. Carlos Augusto de Melo...[et al.], organizadores, - João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

SCLIAR, Moacyr. *Melhores contos de Moacyr Scliar*. Seleção Regina Zilbermann. 6. ed. São Paulo: Global, 2003.

TELLES, Lygia Fagundes. *Venha ver o pôr do sol & outros contos*. 78. ed. São Paulo: Ática, 1988.